



Bonhoeffer e a Liturgia das Horas: aproximações entre o mártir luterano e a Igreja Romana em relação ao saltério

Bonhoeffer and the Liturgy of the Hours:
approaches between the Lutheran martyr and the
Roman Church in relation to the psalter

*Filipe Costa Machado**

PUC-RJ

Recebido em: 10/01/2023. Aceito em: 23/04/2023.

Resumo: *Dietrich Bonhoeffer é conhecido no meio cristão principalmente como o teólogo e pastor que desafiou Hitler no auge do regime nazista alemão e, por isso, foi preso e martirizado. Suas pregações e livros são famosos, entre os quais Discipulado, Ética e Resistência e Submissão são os mais lidos e estudados. Porém, ainda não foi dada atenção suficiente à vida devocional de Bonhoeffer, à prática de fé que alimentou suas difíceis decisões, da qual é parte fundamental a experiência de oração com o saltério. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo apresentar a obra Orando com os Salmos do mártir luterano e propor uma leitura em comparação com a Instrução Geral à Liturgia das Horas, um importante documento de oração da Igreja romana igualmente baseado no saltério. Dessa forma, é possível pontuar semelhanças entre ambas as profissões de fé cristãs num esforço teológico e ecumênico – preciosos para Bonhoeffer –, além de rememorar a importância da liturgia junto ao protestantismo, já que o estudo parte principalmente de um autor luterano. Inicia-se, portanto, com o texto católico romano para então se discorrer sobre o saltério a partir do ponto de vista de Bonhoeffer a partir da obra supracitada. Finaliza-se o artigo com algumas aproximações e conclusões, das quais a principal é de que os Salmos são a oração da Igreja.*

Palavras-chave: *Dietrich Bonhoeffer; Liturgia das Horas; orando com os salmos.*

* Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio) e Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2022).

Contato: filipemachado91@gmail.com.





Abstract: *Dietrich Bonhoeffer is known in the Christian community mainly as the theologian and pastor who challenged Hitler at the height of the German Nazi regime and, therefore, was arrested and martyred. His sermons and books are famous, among which Discipleship, Ethics and Resistance and Submission are the most read and studied. However, not enough attention has been given to Bonhoeffer's devotional life, to the practice of faith that fueled his difficult decisions, of which the experience of prayer with the psalter is a fundamental part. In this sense, this article aims to present the work Praying with the Psalms of the Lutheran martyr and propose a reading in comparison with the General Instruction to the Liturgy of the Hours, an important prayer document of the Roman Church also based on the psalter. In this way, it is possible to point out similarities between both professions of the Christian faith in a theological and ecumenical effort – precious to Bonhoeffer –, in addition to recalling the importance of the liturgy in Protestantism, since the study is mainly based on a Lutheran author. It begins, therefore, with the Roman Catholic text and then discusses the psalter from Bonhoeffer's point of view from the mentioned work. The article ends with some approximations and conclusions, the main one being that the Psalms are the prayer of the Church.*

Keywords: *Dietrich Bonhoeffer; Liturgy of the Hours; praying with the psalms.*

Introdução

Dietrich Bonhoeffer nasceu em 1906 em Breslau, à época na Alemanha, e se formou em Teologia em 1927. A partir daí, foi pastor no seu país de origem, em Barcelona e Nova York e em 1931 voltou à Alemanha para lecionar na Faculdade de Teologia de Berlim. Criticou severamente a aproximação da igreja alemã com o nazismo em ascensão, principalmente em 1933, quando se opôs ao “parágrafo ariano”, que impedia os “não arianos” de se tornarem ministros ou professores de religião. Após um período em Londres, deveria decidir se ficaria na Alemanha nazista ou se iria para os Estados Unidos, como muitos intelectuais do seu tempo. Porém, entendeu que deveria ficar em sua terra natal e com seu povo. A partir daí, Bonhoeffer se dedicou cada vez mais à resistência contra o regime hitlerista até que foi preso em 1943 e martirizado em 1944.

Nesse sentido, apresenta-se aqui um pouco da sua vida devocional, fundamento dessa teologia impactante que deixou à posteridade e deu a ele coragem para ir até o fim – o martírio. Propõe-se, então, uma aproximação da sua experiência com o saltério apresentada em *Vida em Comunhão* (2019) e em *Orando com os salmos* (2010) com a *Instrução Geral à Liturgia das Horas* (IGLH) num esforço ecumênico – tão querido pelo luterano – e a fim de reforçar a importância da liturgia junto



às igrejas protestantes. Além disso, servem de apoio na apresentação da IGLH a Constituição *Sacrosantum Concilium* (SC) e De Reynal (1981).

1 Instrução Geral à Liturgia das Horas

Liturgia é “a expressão e a afirmação clara daquilo que a Igreja crê e ensina”¹. É com base nessa definição que se guia o presente estudo, no sentido de compreender a liturgia como toda ação da Igreja na celebração que pode ter estilos e gêneros variados e propõe um ensinamento aos fiéis. Por isso, ela é fundamental a todo seguidor do Nazareno por proporcionar não somente um conhecimento teórico da fé, mas também uma experiência mais “saborosa e frutuosa”². Semelhantemente, o Papa Francisco, na sua recente *Desiderio Desideravi*, instrui que a liturgia é o lugar próprio do encontro com o Nazareno, a experiência de participação no evento Cristo: “O sujeito que age na Liturgia é sempre e só Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo.”³

Nesse sentido, a Liturgia das Horas (LH) é uma prática de fé formada principalmente por textos bíblicos e que reúne o corpo de Cristo pelo Espírito em torno do seu Senhor, que se autorrevela em meio à cerimônia e tem por objetivo principal a “santificação do dia e de toda a atividade humana”⁴. Ela surge a partir do Ofício Divino, no Concílio Vaticano II, momento em que passa por mudanças para se adequar às circunstâncias daquele tempo – e do atual –, ou seja, “de modo que, na medida do possível, se façam corresponder as «horas» ao seu respectivo tempo, tendo presentes também as condições da vida hodierna em que se encontram sobretudo os que se dedicam a obras do apostolado.”⁵. Por isso, são estabelecidas algumas diretrizes, como considerar a oração da manhã e da noite como principais, distribuir os salmos ao longo de mais tempo que uma semana, como era feito anteriormente, entre outras.

¹ DE REYNAL, Daniel. *Teologia da Liturgia das Horas*. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 25.

² DE REYNAL, 1981, p. 25.

³ FRANCISCO, Papa. *Desiderio Desideravi*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html. Acesso em: 8 jan. 2023. DD 15.

⁴ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Instrução Geral à Liturgia das Horas*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1982. IGLH 11.

⁵ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosantum Concilium*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1985. SC 88.



A LH como “oração pública da Igreja, fonte de piedade e alimento da oração pessoal”⁶ tem por objetivo último a santificação do cotidiano dos fiéis, de tal forma que o dia já deve começar com uma oração de dedicação. Outro importante aspecto da LH é a valorização da oração comunitária, apresentada como “uma das principais funções da Igreja”⁷. Portanto, ainda que possa ser realizada no privado, sua experiência é mais marcante no seio da comunidade de fé, “com Cristo e para Cristo”⁸.

O Cristo, portanto, constitui o fundamento da LH. É ele que possibilita a vivência da liturgia, a partir da obra de redenção que realiza pelo Espírito e na Igreja. De acordo com a SC, “Jesus Cristo, sumo sacerdote da nova e eterna Aliança, ao assumir a natureza humana, trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão. Ele une a si toda a humanidade e associa-a a este cântico divino de louvor.”⁹. Portanto, a Liturgia traz à memória da assembleia reunida a presença de Cristo, na proclamação da sua palavra, quando “ora e salmodia a Igreja”¹⁰.

Percebe-se, então, na LH uma íntima relação com a vida e obra do Nazareno. Lê-se repetidas vezes nos Evangelhos sobre a oração e a busca pelo Pai por parte do Filho feito carne: “A sua atividade quotidiana vem-la estreitamente ligada à oração, como que nasce da oração; levanta-se alta madrugada ou fica pela noite além, até à quarta vigília, entregue à oração a Deus”¹¹. Por isso, a LH almeja repetir a prática do Cristo para a santificação da Igreja e para que participe no mistério trinitário. Por isso, a oração é parte essencial da vida cristã, sem a qual o conhecimento do Cristo não é possível. É ele mesmo que apresenta a necessidade da oração, de toda forma e em todos os momentos da vida humana.

Essa oração que se dirige ao Pai, portanto, só é possível por meio do Filho, do mistério da encarnação e de sua obra redentora, que o fazem Cabeça de toda humanidade, Mediador dos seres humanos, Senhor de todos os viventes; somente por meio dele é que se tem acesso a Deus. Somente nele a oração cristã tem valor e dignidade, ou seja, “em participar da piedade mesma do Filho Unigênito para com o Pai e daquela

⁶ SC 90.

⁷ IGLH 1.

⁸ IGLH 2.

⁹ SC 83.

¹⁰ IGLH 13.

¹¹ IGLH 4.



oração que Ele, durante a sua vida cá na terra expressou por palavras e continua agora, sem interrupção, em toda a Igreja e em cada um dos seus membros, em nome e para salvação de todo o gênero humano.”¹².

Dessa forma, existe uma profunda ligação entre a vida do Cristo e a LH. Desde a eternidade, já existia um canto divino, um “hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão”¹³, entendido aqui como a dimensão pré-encarnacional da liturgia, da celebração do ser divino. Em sua encarnação, o Nazareno traz esse cântico de louvor e convida a cada ser humano a cantar consigo. Inicia-se, no tempo, o seu ministério sacerdotal, a mediação entre o Pai e toda a humanidade. Por fim, desde agora até o *eschaton*, “continua esse múnus sacerdotal por intermédio de Sua Igreja”¹⁴, isto é, chama sua Igreja a “louvar o Senhor sem cessar e interceder pela salvação de todo o mundo”¹⁵.

Se o Cristo ora e chama a Igreja a orar, então ela deve responder positivamente ao convite da participação na vida do Nazareno por meio da oração. Ele não somente ordenou à sua Igreja que orasse, como também deixou um modelo no Pai Nosso e transmite “a necessidade da oração, oração humilde, vigilante, perseverante e cheia de confiança na bondade do Pai, feita com pureza de intenção, consentânea com a natureza de Deus.”¹⁶. Além disso, também os apóstolos deixaram fórmulas de oração no Espírito, por intermédio do Cristo, ao Pai, a fim de alcançar a santificação da vida cristã, com louvor, ação de graças, súplicas e intercessão por todos os homens. Por isso, o texto bíblico é inundado de orações, para ensinar os cristãos a orar; também por esse motivo a LH é fundamentada nas orações apresentadas no livro sagrado.

*A liturgia das horas não é um discurso, nem mesmo de louvor e súplica dirigido a Deus. Mas é escuta da Palavra que o Pai nos transmite por seu Filho único e que o Espírito Santo nos faz compreender. Este aspecto “descendente” do diálogo manifesta-se não somente no ofício das leituras, mas também em cada uma das Horas. O ápice de cada uma delas se dá quando o texto bíblico é proclamado na leitura breve. Uma oração inteiramente bíblica, isto é, tirada da Bíblia ou inspirada nela.*¹⁷

¹² IGLH 7.

¹³ SC 83.

¹⁴ SC 83.

¹⁵ SC 83.

¹⁶ IGLH 5.

¹⁷ DE REYNAL, 1981, p. 40.



Nesse sentido, a LH é um modelo, um norte, uma prática para o cristão que precisa aprender a orar com a própria oração do Cristo e dos Apóstolos registradas no texto sagrado. Dessa forma, Deus fala por meio de sua Palavra e seus filhos respondem também por meio de sua Palavra.

É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as ações e os sinais. Para promover a reforma, o progresso e adaptação da sagrada Liturgia, é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura de que dá testemunho a venerável tradição dos ritos tanto orientais como ocidentais.¹⁸

Essa continuação da oração do Nazareno, por sua vez, deve ser realizada junto ao seu Corpo, à sua Igreja, por ser íntima a relação entre o Noivo e a Noiva. Apenas ligada à Igreja é que a vida cristã pode ser experimentada, como a continuação da vida do Crucificado e Ressurreto; como a participação na “piedade mesma do Filho Unigênito para com o Pai e daquela oração que Ele, durante a sua vida cá na terra expressou por palavras e continua agora, sem interrupção, em toda a Igreja e em cada um dos seus membros, em nome e para salvação de todo o género humano.”¹⁹

Por isso, a LH não é uma ação privada, mas pertence a toda a Igreja, celebrada como povo santo, reunido e ordenado sob a direção dos Bispos. A dimensão comunitária é fundamental a fim de atingir a todos os membros do Corpo, segundo a variedade de estados dos participantes. A união do Corpo é imprescindível para edificação de todos.

Para que esta oração seja própria de cada um daqueles que nela tomam parte, seja fonte de piedade e da multiforme graça divina e sirva também de alimento à oração pessoal e à atividade apostólica, importa celebrá-la com dignidade, atenção e devoção, e fazer com que o espírito concorde com a voz. É necessário que todos cooperem com a graça divina, para que não a recebam em vão. Buscando a Cristo e esforçando-se por

¹⁸ SC 24.

¹⁹ IGLH 7.



*aprofundar o seu mistério na oração, louvem a Deus e elevem as suas súplicas com o mesmo espírito com que orava o Divino Salvador.*²⁰

Essa união, apresentada desde os capítulos iniciais do livro de Atos dos Apóstolos, está fundamentada na vida de oração, o que já se percebe na primeira reunião dos apóstolos com Maria, mãe de Jesus, e seus irmãos para orar. Existe, portanto, uma dialética entre a união do povo de Deus e a oração, de tal forma que quanto mais se ora mais se vive a unidade e, quanto mais se vive a unidade mais se ora: “e esta unanimidade assentava na palavra de Deus, na comunhão fraterna, na oração e na Eucaristia”²¹.

Sem desvalorizar a oração individual em detrimento da comunitária, percebe-se que a experiência dessa última é ainda mais marcante quando vivida a partir da LH. A celebração com a realização da Eucaristia, portanto, é o ápice da LH. A celebração comunitária se torna mais viva e eficaz no seu intento de santificação do Corpo e glorificação de Deus se realizada sobre a fundação da vivência da LH.

*Existe um vínculo estreito entre a liturgia das horas e a Eucaristia. Vínculo que só é desvendado na própria celebração. Neste sentido, a liturgia das horas é como um escrínio que valoriza uma joia inestimável: a que o Senhor deu à Esposa, este “Sol” que inunda com seus raios a oração do dia todo.*²²

Ressaltados alguns aspectos fundamentais da LH – centralidade de Cristo, a fundamentação no texto bíblico, dimensão comunitária e eucarística e seu objetivo de consagração da rotina do cristão –, passa-se a uma exposição da relação entre a LH e o Saltério.

2 Liturgia das Horas e o Saltério

Grande parte da LH é formada pelos hinos do saltério, entendidos como inspirados pelo Espírito Santo e compostos pelos autores sagrados da Bíblia Hebraica. São diversos escritos com temas variados e que tem por objetivo “elevar para Deus o espírito dos homens, de excitar neles

²⁰ IGLH 19.

²¹ IGLH 9.

²² DE REYNAL, 1981, p. 35.



santos e piedosos afetos, de os ajudar admiravelmente a dar graças na prosperidade, de os consolar e robustecer na adversidade”²³.

Há, porém, uma dificuldade em sua oração-repetição na atualidade. A distância temporal e geográfica que separa os cristãos contemporâneos dos autores veterotestamentários traz consigo uma mudança na mentalidade e na teologia do seguidor de Iavé para o crente em Jesus Cristo. Nesse sentido, os salmos, ainda que fundamentais para a devoção eclesiástica, são como “sombra daquela plenitude dos tempos que se revelou em Cristo”²⁴. Mesmo assim e por isso, credita-se ao Espírito a função de iluminar a leitura dos poemas hebraicos àqueles que “animados de fé e boa vontade, salmodiam estes sagrados hinos”²⁵.

Mesmo com essa dificuldade, o saltério é fundamental na vida de oração do cristão e da comunidade. São suas palavras, “poemas de louvor”²⁶, cantadas ou recitadas preservando esse caráter musical que possuem, “na alegria do coração e na doçura da caridade”²⁷, que ajudam a orar, seja uma oração de gratidão, seja uma súplica carente. Seu leitor é convidado a refletir à medida que percorre cada verso milenar num misto de reverência e devoção, em resposta ao Espírito que inspirou a poesia hebraica.

Nessa leitura atenta e reflexiva, o cristão perceberá que ora o salmista se dirige a Deus – legando ao leitor palavras que ele também pode dirigir ao Eterno –, ora a Israel ou a outros seres humanos. A mera repetição é, portanto, esforço vão, já que os versos escritos devem ser devidamente interpretados e aplicados, nunca desprezados. Por isso, instrui a LH, “atendo-se ao sentido literal dos salmos, aquele que salmodia procurará relacionar o texto com a vida humana dos crentes”²⁸.

Por serem escritos a partir de sentimentos diversos – lamentação, confiança, ação de graças –, eles proporcionam à Igreja a experiências dos mesmos sentimentos em momentos diferentes da experiência humana. Isso significa que, diante de um salmo de lamento, aqueles que lamentam se sentem confortados, e aqueles que não lamentam se sentem

²³ IGLH 100.

²⁴ IGLH 101

²⁵ IGLH 102.

²⁶ IGLH 103.

²⁷ IGLH 104.

²⁸ IGLH 107.



impelidos a confortar seus irmãos e mais preparados para o momento em que lamentarão. O mesmo se pode dizer das demais expressões sálmicas. Sendo assim, a leitura na Igreja é fundamental: reforça a fé cristã na sua dimensão comunitária. Diante de um salmo que está em desacordo com os sentimentos íntimos do indivíduo, o narcisismo e o caráter pessoal-subjetivo da poesia perdem espaço frente ao Corpo de Cristo; a caridade se sobrepõe à fragilidade da existência egocêntrica. Por isso, diz a LH que “quem salmodia não o faz tanto em seu próprio nome como em nome de todo o Corpo Místico de Cristo, e até na pessoa do próprio Cristo”²⁹.

Acima do caráter particular de como cada salmo pode ser entendido, isto é, do sentido existencial a partir do qual se interpreta o saltério, há um que sobressalta e é igual para todos: o sentido messiânico dos salmos. Esse novo sentido a partir do Nazareno é dado pelo próprio Filho, quando afirma precisar se cumprir o que é dito a seu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos³⁰. Sendo assim, é possível se ler não somente os salmos messiânicos à luz do Cristo, mas todo o saltério como a oração de Jesus.

Por isso, é vasto o uso dos salmos na LH. Nela, cada salmo vem acompanhado de um título atribuído para tornar mais claro o sentido cristológico neotestamentário. Além do título, também as coletas salmódicas auxiliam o cristão a interpretar o saltério. Por fim, cada salmo tem sua respectiva antífona, que evidencia o gênero literário e o transforma em oração a poesia hebraica. Tudo isso tem por objetivo facilitar a assimilação dos versos pelos cristãos da atualidade, proporcionando-lhe um encontro com Cristo, com a Igreja e consigo por meio dos salmos.

São tomados alguns cuidados para que esse objetivo de encontro seja alcançado. Em primeiro lugar, os salmos que estão relacionados a eventos do ano litúrgico são separados para essas datas comemorativas, tais como salmos penitenciais ou relacionados à Paixão para a sexta. Em seguida, os salmos 77, 104 e 105 são separados para o tempo do Advento, do Natal, da Quaresma e a Páscoa, já que revelam a história da salvação de maneira mais clara. Por último, existe o cuidado de se suprimir os salmos 57, 82 e 108, bem como alguns versos de outros, por se tratarem de salmos imprecatórios e gerarem dificuldades de ordem psicológica no contexto da LH.

²⁹ IGLH 108.

³⁰ De acordo com o texto do Evangelho de São Lucas 24,44. IGLH 109.



O saltério pode ser recitado de diversas maneiras no momento de celebração a fim de se “sentir a fragrância espiritual e literária dos salmos”³¹. Ao fim de cada leitura, a expressão “Glória ao Pai” rememora o porquê daquele momento. Há também várias outras recomendações de leitura litúrgica na IGLH, que fogem ao escopo desse trabalho, mas fica evidente a importância desse corpo textual para a LH e para a vida cristã de maneira geral.

Passa-se, enfim, à apresentação de Dietrich Bonhoeffer com relação ao saltério, bem como suas indicações de leitura dos salmos para a devoção cristã de líderes e liderados.

3 Bonhoeffer e o Saltério

Dietrich Bonhoeffer foi um teólogo que marcou a história do Ocidente, como já dito, pela profunda teologia e vida heroica. Ele apresenta, como poucos na história da Teologia, uma unidade entre vida e pensamento tão coerente que é impossível entender um sem o outro. Como disse Bruno Forte, suas análises são “fruto de uma mescla extraordinária de biografia e teologia”³². Semelhantemente afirmam Appel e Capozza que “Bonhoeffer pensou o que viveu e viveu o que pensou”³³. Seu martírio encerrou uma existência dedicada a pensar o cristianismo para um mundo que se tornaria cada vez mais independente das grandes religiões e instituições religiosas; também pensou sobre a ética cristã e os desafios de ser discípulo do Cristo numa sociedade em crise, como a alemã que se rende e escolhe o Nazismo no drama do período entreguerras.

Por assumir essa dificuldade da ética cristã e do seguimento do Nazareno, Bonhoeffer é uma leitura fundamental para a contemporaneidade. Poucos textos assumem de tal forma a subjetividade da fé e a carência do Cristo como suas cartas da prisão, compiladas após seu martírio. Alguns exemplos são seus poemas como “Quem sou eu?”, “Cristãos e pagãos” e Estações no caminho para a liberdade³⁴, além de trechos dos seus pensamentos que compartilhou com sua família, como o que segue:

³¹ IGLH 121.

³² FORTE, Bruno. *À escuta do outro*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 147.

³³ APPEL, K.; CAPOZZA, N. “Estar-aí-para-outros” como participação da realidade de Cristo: Sobre a eclesiologia de Dietrich Bonhoeffer. *Revista Eletrônica da PUCRS*, v. 36, n. 153, 2006, p. 584.

³⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal, 2015. p.468-470; 520-522.



*Quem aguentará firme? Somente quem não tiver como critério último sua própria razão, seu princípio, sua consciência moral, sua liberdade, sua virtude, mas quem estiver disposto a sacrificar tudo isso quando, na fé e baseado apenas em Deus, for chamado à ação obediente e responsável, a pessoa responsável, cuja vida nada pretende ser do que resposta à pergunta e ao chamado de Deus.*³⁵

Bonhoeffer foi educado num ambiente intelectual e cristão. O pai, Karl Bonhoeffer foi um importante psiquiatra e pesquisador, professor da Universidade de Berlim; a mãe, Paula von Hase, foi quem introduziu a fé luterana na família, pertencente a uma linhagem de pastores e líderes cristãos. Também foi Paula que estimulou a educação musical dos filhos, principalmente do filho Dietrich. Aos 8 anos, ele começou a estudar piano; aos 10, já era capaz de executar sonatas de Mozart e, aos 14, compôs uma cantata sobre o salmo 42. Acreditava-se que seria músico profissional, mas isso não se concretizou. Ainda que não tenha se tornado pianista, a música foi uma parte fundamental da sua vida.³⁶

Alguém que tanto pensou a fé a partir da subjetividade, escreveu poemas e se dedicou à música deveria também valorizar os Salmos, o que condiz perfeitamente com a realidade do luterano. Seus escritos sobre o seminário de Finkenwalde – um seminário organizado por Bonhoeffer devido à sua desconfiança nas escolas de formação teológica ligadas ao Estado – em *Vida em comunhão* (2019) atestam essa importância.

Em Finkenwalde, o louvor era parte fundamental da formação dos futuros líderes da Igreja Confessante – aquela que não se ligou ao Estado Nazista. Para Bonhoeffer, o dia só começava no culto a Deus: “a vida em comunhão sob a Palavra começa com o culto em conjunto na primeira hora da manhã. A comunidade reúne-se para louvar e agradecer, ouvir a leitura da Bíblia e orar. O profundo silêncio matinal só será rompido pela oração e pelo canto da comunidade.”³⁷. Defende o luterano seu posicionamento com a leitura de diversos salmos que convidam o cristão a adorar a Deus logo pela manhã:

“De manhã ouves a minha voz; de manhã eu te apresento a minha causa e fico esperando” (Salmo 88.14); “Meu coração está firme, ó Deus, meu

³⁵ BONHOEFFER, 2015, p. 30.

³⁶ CAVALLERI, Giorgio. *Dietrich Bonhoeffer: mártir do nazismo*. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 20.

³⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 2019. p. 33.



coração está firme; eu quero cantar e tocar! Desperta, glória minha, desperta cítara e harpa, vou despertar a aurora” (Salmo 57.8); Com o despertar do dia a pessoa crente está sedenta e ansiosa por Deus: “Antecipo a aurora e imploro, esperando pelas tuas palavras” (Salmo 119.147); “Ó Deus, tu és meu Deus. Eu te procuro. A minha alma tem sede de ti, minha carne te deseja com ardor, como terra seca, esgotada, sem água” (Salmo 63.2).³⁸

Percebe-se, portanto, que Bonhoeffer valorizava não somente os salmos como um texto normativo na fé cristã, mas o momento de culto guiado pelo saltério, imprescindível para a formação de futuros líderes da fé cristã na Alemanha. Por isso, um dos seus alunos, Albert Schönherr, afirmou: “Cantávamos por um bom tempo, orávamos os salmos, normalmente vários salmos, e assim passávamos o Saltério inteiro numa única semana.”³⁹

Essa devoção matutina, considerada como o primeiro pensamento do dia dirigida àquele que é dono de todos os dias, era constituída de leitura bíblica, canto e oração. Nessas três práticas do culto, o saltério era fundamental, entendido pelo luterano como “palavra de Deus e simultaneamente, com poucas exceções, palavra de uma pessoa”⁴⁰, porque servia para as três atividades. Porém, uma dificuldade surgia dessa prática: o sentimento de não poder pronunciar alguns como sua própria oração pessoal.

Essa dificuldade, entendida por Bonhoeffer como de todos aqueles que começam a orar com os salmos, dá-se principalmente com os salmos de inocência, vingança e, em parte, os de sofrimento. Contudo, o crente não deve se colocar acima das Escrituras e, portanto, nesse primeiro conflito, experimenta-se o mistério do saltério, isto é, a percepção de que quem ora os salmos é o próprio Nazareno.

O Novo Testamento e a igreja sempre reconheceram e testemunharam isso. O homem Jesus Cristo, para quem nenhum sofrimento, nenhuma enfermidade, nenhuma aflição são desconhecidos e que, não obstante, era totalmente inocente e justo, ora nos Salmos através da boca de sua comunidade. O saltério é o livro de oração de Jesus Cristo propriamente

³⁸ BONHOEFFER, 2019, p. 33.

³⁹ METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 238.

⁴⁰ BONHOEFFER, 2019, p. 35.



*dito. Ele orou os Salmos e já agora eles constituem sua oração para todos os tempos.*⁴¹

Por isso, o saltério é ao mesmo tempo palavra de Deus – já que está no texto sagrado – e oração a Deus, porque nele encontra-se o Cristo orante. A oração da comunidade só é ouvida na medida em que é realizada no nome de Cristo, porque ele medeia essa relação entre o Pai e sua Igreja e possibilita que a oração da comunidade se una à oração dele mesmo. Portanto, “o saltério é a oração vicária de Cristo por sua igreja”⁴².

*Agora que Cristo está junto do Pai, a nova humanidade de Cristo, o corpo de Cristo na Terra, segue orando sua oração até a consumação dos tempos. Essa oração não pertence a um membro individual, pertence a todo o corpo de Cristo. Só nele como um todo vive tudo aquilo de que falam os salmos e o que o indivíduo jamais compreenderá totalmente e nem poderá considerá-lo seu. Por isso, a oração de salmos tem seu lugar de modo especial na comunhão.*⁴³

Para Bonhoeffer, a oração tem uma dimensão comunitária fundamental. A vida cristã, para o luterano, só pode ser vivida na comunidade. Segundo ele, “a pessoa humana só surge na relação com a pessoa divina que a transcende”⁴⁴, numa relação eu-tu em que ambos são sujeitos, alvos do amor de Deus. Por isso, a Igreja é responsável pela continuação da ação vicária de Cristo no mundo, porque considera seu próximo como amado pelo Senhor, do qual depende para se tornar um “eu”. É nesse sentido que afirma que a Igreja é “a presença de Cristo no mundo” (BONHOEFFER, 2017, p. 11).

Assim forma-se o corpo de Cristo, na pluralidade dos indivíduos que não perdem sua individualidade na vida comunitária, mas que vivem a dimensão social da fé a partir da sua subjetividade. O que se diz da vida cristã de maneira geral, também se diz da experiência de oração a partir do saltério. A pluralidade deve ser vivida na união de diferentes pessoas. Por isso a oração comunitária atinge de formas variadas a multidão de crentes: “Se um versículo ou um Salmo todo não pode ser minha oração,

⁴¹ BONHOEFFER, 2019, p. 36.

⁴² BONHOEFFER, 2019, p. 37.

⁴³ BONHOEFFER, 2019, p. 37.

⁴⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Comunhão dos santos: uma investigação dogmática sobre a sociologia da igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 35.



ele o será de outra pessoa dentro da comunhão, e é, com toda a certeza, a oração do verdadeiro homem Jesus Cristo e de seu Corpo na terra⁷⁴⁵.

O saltério, portanto, é a escola de oração que o texto sagrado deixa à Igreja. Nele aprende-se a orar baseado na oração do próprio Cristo. Sendo assim, a partir dos salmos, aprendem-se três aspectos principais da oração: o que é orar, o que orar e a comunhão da oração.

Em primeiro lugar, orando-se o saltério, aprende-se o que é orar, isto é, experimentar e viver a oração bíblica e não desejos individuais ou egoístas. A oração dos salmos leva o cristão a orar como Jesus, o modelo e mestre de toda vida cristã. Em segundo lugar, a partir do saltério, sabe-se o que orar. Dessa forma, não se fica preso à experiência particular, mas encarna-se a experiência do Cristo em vida humana, superando a própria existência. Dessa forma, é possível orar os salmos de vingança, inocência e os lamentos. À medida que atribuímos à justiça perfeita de Cristo a vingança, à sua piedade e à sua miséria na cruz ao seguidor, pois ele está em Cristo, essas orações são também as orações de todos os discípulos do Nazareno. Por fim, o saltério ensina a orar em comunhão por ensinar a orar junto com todo o corpo de Cristo e, dessa forma, superam-se meras preocupações pessoais, bem como inculcam nos fiéis o cuidado pelos irmãos na fé⁴⁶.

Percebe-se, enfim, por essa rápida apresentação de *Vida em Comunhão* (2019) a importância que Bonhoeffer dava ao saltério e à oração comunitária para a vida cristã. A seguir, será exposta com mais detalhe sua devoção pelos salmos a partir da obra *Orando com os salmos* (2010).

4 Orando com os Salmos

Esse pequeno livro foi publicado em 1940, num período em que o partido Nazista já havia destilado seu ódio aos judeus e começado a mais sangrenta guerra da história moderna do Ocidente. É importante ressaltar essa realidade, pois é nesse contexto histórico que Bonhoeffer publica uma obra sobre poesia hebraica, que se tornou judaizante demais para os nazistas e católico demais – pela insistência na oração repetida dos salmos – para os protestantes. *Orando com os salmos* (OS) foi seu

⁴⁵ BONHOEFFER, 2019, p. 37.

⁴⁶ Todo esse raciocínio é apresentado em *Vida em Comunhão*. BONHOEFFER, 2019, p. 37-39.



último livro publicado em vida, pois foi impedido pelo governo alemão de fazê-lo. Por isso afirma Geoffrey Kelly, importante biógrafo do luterano, “no contexto de oposição atroz da Alemanha nazista em relação a qualquer forma de homenagem ao Antigo Testamento, este livro, no momento de sua publicação, constituiu uma declaração explosiva tanto política quanto ideológica”⁴⁷.

Alguns temas se repetem em relação a *Vida em Comunhão*, mas aqui o saltério recebe mais ênfase. O livro começa com uma importante definição do autor: “orar não significa simplesmente derramar o coração, mas significa encontrar, com o coração saturado ou vazio, o caminho para junto de Deus e falar com Ele.”⁴⁸. Para o luterano, o ser humano não é capaz naturalmente de orar a oração adequada que lhe cabe, por isso precisa aprender, como clamam os discípulos nos Evangelhos. “Se Jesus nos inserir na sua oração, se pudermos orar com ele a sua oração, se ele nos levar consigo em seu caminho para junto de Deus e nos ensinar a orar, então estaremos a salvo da angustiante incapacidade de orar.”⁴⁹

Como todos os outros tópicos da teologia bonhoefferiana, a oração também está profundamente relacionada com o Nazareno. Ele é o ponto de partida e chegada da oração do discípulo, ou seja, precisa ser a oração de Cristo e para Cristo, fundamentada no ensinamento do Crucificado e em direção ao Ressurreto. Somente em Cristo é que o discípulo pode orar e ser ouvido por Deus. Por isso, é necessário aprender a orar com Jesus.

*Portanto, precisamos aprender a orar. Uma criança aprende a falar porque seu pai fala com ela. ela aprende a falar a língua paterna. assim também nós aprendemos a falar com Deus, porque Deus falou e fala conosco. Pela Palavra do Pai no céu, seus filhos aprendem a comunicar-se com ele. Ao repetir as próprias palavras de Deus começamos a orar a Ele. Não oramos com a linguagem errada e confusa de nosso coração; mas, pela palavra clara e pura que Deus falou a nós por meio de Jesus Cristo, devemos falar com Deus, e ele nos ouvirá.*⁵⁰

Nesse sentido, o texto sagrado deve ser a base da oração do discípulo, porque é o ensinamento do Cristo aos seus seguidores. Eles devem orar como seu mestre ensinou e o que ele também orou. Por isso,

⁴⁷ METAXAS, 2010, p. 326.

⁴⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Orando com os salmos*. Curitiba: Encontro, 2010. p. 10.

⁴⁹ BONHOEFFER, 2010, p.11.

⁵⁰ BONHOEFFER, 2010, p.11.



os salmos, como um conjunto de orações dentro do texto sagrado, são fundamentais na experiência da fé cristã, pois ensinam a orar e são as orações que o Nazareno também fez. Por meio do saltério, seus discípulos aprendem a orar e repetem a sua oração: “as palavras que procedem de Deus serão os degraus que nos farão chegar até Deus”⁵¹.

Dessa forma, para Bonhoeffer, a oração será determinada e guiada pela Palavra de Deus e não pelo vil coração humano. Mais uma vez, o pastor luterano defende que os salmos são ao mesmo tempo palavras de Deus ao ser humano e palavras do ser humano a Deus e, somente por meio de Cristo, é que essas palavras são ouvidas pelo Divino. Como ele afirma, Jesus é Deus e homem, por isso eleva a oração da natureza humana a Deus: “a oração também é realmente sua [de Jesus] oração e só pode tornar-se nossa, porque foi sua”⁵².

Jesus atende ao pedido dos discípulos e os ensina a orar o Pai Nosso. Ele é o modelo neotestamentário de oração, o guia para a oração dos seguidores, o princípio a partir do qual se deve orar: “Nele [Pai Nosso] está contida toda e qualquer oração dos cristãos. O que estiver contido nas preces do Pai Nosso é verdadeira oração. O que não encontra espaço nelas não é oração. Todas as orações da bíblia estão resumidas no Pai Nosso. A sua amplitude infinita abrange-as todas.”⁵³

Existe, portanto, uma profunda relação entre o Pai Nosso e o Saltério, afirma Bonhoeffer. Um está voltado para o outro. O texto neotestamentário é “coroa e síntese” dos salmos e esse é “riqueza inesgotável” daquele: “O Saltério é a oração da comunidade de Jesus Cristo; ele deve acompanhar o Pai Nosso”⁵⁴. Essa relação entre os salmos e o Pai Nosso, também compartilham Davi e o Cristo. O rei de Judá foi testemunha do Filho, escreveu promessas a respeito do messias que viria; suas orações lhe foram ensinados pelo Filho, antes de sua encarnação. Por isso, Bonhoeffer defende a dignidade e importância do Saltério – diante da sociedade que nega até mesmo a ascendência judaica de Jesus –, na medida em que são orações de Cristo, ensinadas por intermédio do filho de Jessé – que representa todos os salmistas: “Davi não orava apenas a partir da abundância de seu coração, mas a partir de Cristo que habitava nele”⁵⁵.

⁵¹ BONHOEFFER, 2010, p. 11.

⁵² BONHOEFFER, 2010, p. 17.

⁵³ BONHOEFFER, 2010, p. 13.

⁵⁴ BONHOEFFER, 2010, p. 14.

⁵⁵ BONHOEFFER, 2010, p. 15.



Quem ora o saltério? Davi (Salomão, Asafe, etc.) ora, Cristo ora, nós oramos. Nós, isto é, em primeiro lugar, toda a comunidade. Apenas nela poderá ser orada toda a riqueza do saltério. Em segundo plano, também cada indivíduo ora os Salmos, já que é participante de Cristo e de sua comunidade e ora com ela. Davi, Cristo, a comunidade, eu mesmo – quando ponderamos isso em conjunto, reconhecemos o maravilhoso caminho que Deus trilha para ensinar-nos a orar.⁵⁶

Nesse sentido, os salmos desempenham papel fundamental na vida cristã. Além de tudo que se disse sobre a oração e o saltério, ainda pode-se defender aqui seu uso durante a celebração comunitária, na repetição e meditação das palavras sálmicas, na sua forma poética, nos paralelismos que convidam à reflexão e à oração conjunta, sem pressa, aprofundando-se nas verdades eternas do texto sagrado. Por isso, o luterano afirma que “a forma poética convoca-nos especialmente a orarmos os Salmos em conjunto”⁵⁷.

Se nas nossas igrejas já não oramos os Salmos, devemos incluí-los com mais afinco em nossas meditações matutinas e vespertinas. Devemos ler vários salmos diariamente e, de preferência, em conjunto, a fim de lermos este livro diversas vezes ao ano, penetrando nele com mais profundidade. Não devemos selecionar arbitrariamente alguns salmos. Ao fazer isso, estamos desonrando o livro de orações da Bíblia, julgando saber melhor do que o próprio Deus o que devemos orar. [...] Jesus Cristo morreu na cruz com palavras dos Salmos em seus lábios.⁵⁸

Por isso, o luterano era tão dedicado à leitura dos Salmos. Seu valor vem do próprio Deus que os ensina aos seus discípulos as palavras com as quais devem orar, a partir de poesias dialeticamente humanas e divinas. Defende, portanto, seu uso na vida devocional, na celebração comunitária, de dia e de noite, a fim de aprender como se relacionar com Deus e a palavra que o Cristo tem para sua Igreja: “Ao esquecer-se do Saltério, a cristandade perde um tesouro inigualável. Ao recuperá-lo, será presenteada com forças jamais imaginadas.”⁵⁹

⁵⁶ BONHOEFFER, 2010, p. 17.

⁵⁷ BONHOEFFER, 2010, p. 18.

⁵⁸ BONHOEFFER, 2010, p. 19.

⁵⁹ BONHOEFFER, 2010, p. 20.



Considerações finais

Buscou-se, nessa pesquisa, realizar uma aproximação entre a teologia devocional e marcante de Dietrich Bonhoeffer e a liturgia inspiradora da Liturgia das Horas a partir das suas perspectivas em relação ao saltério. Diante do exposto nesse trabalho, algumas conclusões são possíveis.

Em primeiro lugar, percebe-se uma valorização do saltério como a palavra que a Igreja deve orar. Ainda que a oração no cristão só seja possível por Cristo, as palavras não devem ser palavras vãs, quaisquer, a partir apenas da experiência pessoal de cada crente, mas devem ser fundamentadas no próprio texto bíblico. Os Salmos, portanto, são as orações do povo ao seu Deus, em Cristo, pelo Espírito.

Além disso, as orações devem ser ao longo do dia, principalmente a partir da LH, e mais ainda no período matutino. Como uma consagração do dia inteiro, ambos – IGLH e Bonhoeffer – recomendam o início do dia com a dedicação total do tempo a Deus, com orações tiradas do Saltério.

Em seguida, tanto a LH quanto as recomendações de Bonhoeffer mostram a importância de se ler todo o Saltério, sem escolher alguns específicos, mas apreendendo toda a experiência do salmista para aprender do próprio Deus e a ele responder com sua Palavra. Por isso, leem-se os salmos repetidas vezes ao longo do ano e, nesse processo, cada crente tem a oportunidade de se identificar existencialmente com o texto, bem como ajudar seu semelhante que passe por um período de tribulação.

Por isso, a oração comunitária é fundamental. A LH e o pastor luterano trazem essa dimensão da vida cristã à tona nos seus escritos para lembrar os seguidores do Nazareno a viverem a experiência da comunidade. Essa deve ser acompanhada das orações sálmicas, como ensinaram o Cristo e os Apóstolos, sem as quais a Igreja perde sua referência do que orar.

Por fim, a centralidade de Cristo é o fundamento a partir do qual se ora o saltério. Se o Filho ora os salmos e ensina seus discípulos a fazê-lo, é preciso se dedicar na leitura orante dos textos, individualmente e comunitariamente, encarná-los como o Mestre fez, para responder ao Pai com a sua Palavra. São os salmos que o Nazareno leva à cruz, portanto, devem ser os salmos que os cristãos levam sempre nos lábios.



Referências bibliográficas

- APPEL, Kurt.; CAPOZZA, Nicoletta. “Estar-aí-para-outros” como participação da realidade de Cristo: Sobre a eclesiologia de Dietrich Bonhoeffer. *Revista Eletrônica da PUCRS*, v. 36, n. 153, 2006.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Comunhão dos santos: uma investigação dogmática sobre a sociologia da igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2017.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Orando com os salmos*. Curitiba: Encontro, 2010.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal, 2015.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 2019.
- CAVALLERI, Giorgio. *Dietrich Bonhoeffer: mártir do nazismo*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1985.
- DE REYNAL, Daniel. *Teologia da Liturgia das Horas*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- FORTE, Bruno. *À escuta do outro*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- FRANCISCO, Papa. *Desiderio Desideravi*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html. Acesso em: 8 jan. 2023.
- METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Instrução Geral à Liturgia das Horas*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1982.